CORREIO POLÍTICO

POR RUDOLFO LAGO

Isac Nóbrega/PR

Fernandes: "pensamento digitalizado" constrange

Tentativa de golpe está no currículo militar?

Parece haver uma estratégia dos advogados dos militares do chamado "núcleo operacional" da tentativa de golpe para que seus clientes digam no Supremo Tribunal Federal (STF) que os planos que redigiram eram meras conjecturas, exercícios de estratégia. Assim ensaiou primeiro o general da reserva Mário Fernandes, ao dizer que seu plano para assassinar o presidente Luiz Inácio Lula da Silva era um "pensamento digitalizado". E, na segunda-feira, o "kid preto" Hélio Ferreira Lima, ao dizer que o plano para prender "juízes supremos", ou seja, os ministros do STF, era mera "ferramenta de cenário prospectivo". Um militar ouvido pelo Correio Político reza com força para que esses argumentos fracassem de maneira retumbante.

Golpe

Quer dizer, então, que "Como dar golpe" consta do currículo das academias militares? Vale estudar como assassinar o presidente da República? Vale estudar meios de prender ministros do Supremo Tribunal Federal? Não deveria ser exatamente o contrário?

Prevenção

Segundo esse militar, seria legítimo estudar planos no sentido oposto. Como estar preparado para proteger autoridades em caso de golpe de Estado. Como evitar que "juízes supremos" sejam vítimas de um ato que atente contra o Estado Democrático de Direito.

Reprodução/Redes sociais

Lima: exercícios sobre como dar um golpe?

Problema é reforço de uma cultura nociva

Ao tentar transformar planos de golpe em exercícios militares, os réus no STF reforçam que esse tipo de intervenção política pela força faz parte da cultura dos quarteis. Se, de fato, simulam como dar um golpe, isso significaria que as Forças Armadas consideram normal essa possibilidade e que preparam a corporação para essa hipótese. De dar um golpe, não de como evitá-lo. No fundo, algo arraigado na cultura. A República foi um golpe militar. Consolidou-se uma ideia de que os militares devem ser chamados para consertar momentos graves. O problema é que depois da ditadura, trabalha-se para eliminar esse tipo de intervenção.

Lott

O que valeria a academia militar estudar? Como o Marechal Henrique Teixeira Lott evitou o golpe que impediu a posse de Juscelino Kubitschek em 1960 ou como o general Olímpio Mourão Filho teve sucesso ao liderar as tropas que deram o golpe em 1964?

Democracia

A nova ascensão militar à política, lembra esse general, foi anterior à posse de Jair Bolsonaro. Começou a se esboçar ainda no governo Michel Temer, quando estava no comando do Exército o general Eduardo Villas Bôas. Mas alguns imaginavam outro caminho.

Inserção

Esse general afirma ter imaginado, no começo, que por ali se daria o caminho de inserção militar como força importante de apoio aos governos civis no regime democrático. Militares mostrando a força que poderiam ter como linhas auxiliares dos governos.

Erro

Após Bolsonaro, percebeu que essa não era a ideia, infelizmente, de muitos. Agora, prega, as Forças Armadas deveriam entender finalmente o seu papel numa democracia. Tirar definitivamente as quarteladas dos seus sonhos de consumo. E, claro, dos seus currículos.

Tarifaço: Lula considera telefonar para Trump

Especialista avalia que governo evita desgaste

Marcelo Camargo/Agência Brasil

Segundo Haddad, Lula tenta abrir canal de negociação com Trump

Com o prazo para a imposição de tarifas extras sobre produtos brasileiros pelos Estados Unidos se aproximando, o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) aposta no diálogo diplomático para evitar prejuízos. Ainda sem um desfecho, o Palácio do Planalto já avalia medidas para amparar empresas brasileiras, caso as sanções se concretizem. Em declaração nesta terça-feira (29), o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, afirmou que uma conversa entre Lula e o presidente dos EUA, Donald Trump (Republicano), está sendo considerada, mas exige preparação formal.

"É papel nosso, dos ministros, justamente azeitar os canais para que a conversa, quando ocorrer, seja a mais dignificante e edificante possível. Tem que haver uma preparação antes para que seja uma coisa respeitosa, para que os dois povos se sintam valorizados à mesa de negociação, não haja um sentimento de viralatismo, de subordinação", disse o chefe da Pasta.

Diálogo

Haddad disse acreditar que, ainda nesta semana, deverá surgir algum sinal de interesse em conversar por parte de autoridades norte-americanas. No entanto, a conclusão das negociações pode não ocorrer até o dia 1º de agosto — data fixada para o início das sobretaxas —, mas, segundo ele, isso não será um problema.

"Não é uma data fatídica. É uma data que pode ser alterada por eles, pode entrar em vigor e nós nos sentarmos e rapidamente concluirmos uma negociação. Estão ficando mais claros, agora, os pontos de vista do Brasil em relação a alguns temas que não eram de fácil compreensão por parte deles. A relação sempre foi amistosa entre os países. Então, não há razão nenhuma para que isso mude", explicou.

Cenário

O líder da equipe econômica também mencionou o plano de contingenciamento entregue a Lula na segunda-feira (29). O documento inclui formas de suportes para as empresas que serão afetadas pelo eventual tarifaço e foi elaborado pelos Ministérios da Fazenda; do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços; das Relações Exteriores; e pela Casa Civil.

"Estamos muito confiantes que preparamos um trabalho que vai permitir ao Brasil superar esse momento. O evento externo não foi criado por nós, mas o Brasil vai estar preparado para cuidar das suas empresas, dos seus trabalhadores, e ao mesmo tempo se manter permanentemente na mesa de negociação buscando racionalidade, buscando respeito mútuo", disse.

"Econômica"

Ao Correio da Manhã, a advogada especialista em direito internacional Hanna Gomes, avaliou que fica cada vez mais claro que a ingerência de Trump é puramente econômica e não política. Ela mencionou o empenho do Brasil em conseguir isenções para alguns setores-chave da economia.

Para o economista e professor do curso de Administração da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), Jorge Ferreira dos Santos Filho, é preciso um esforço do Itamaraty para evitar que a ligação entre Lula e Trump siga nos mesmos moldes do que foram as conversas que o presidente dos EUA teve com o presidente da Ucrânia, Volodimir Zelensky, e com o presidente da África do Sul, Cyril Ramaphosa — que desgastaram a imagem de ambos os presidentes.

Além disso, na via diplomática, lembra o especialista, não basta Lula estar disposto a ligar. Trump precisa estar disposto a atender.

Comitiva brasileira conversa com senadores dos EUA

Por Gabriela Gallo

Divulgação/Nelsinho Trad

Senadores começaram reuniões com congressistas

Em mais uma alternativa para tentar reverter as tarifas de 50% a produtos brasileiros impostas pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump (Republicano), a partir desta sexta-feira (1º), a comissão externa de senadores brasileiros que buscam diálogo com os EUA continua as reuniões com congressistas norte-americanos nesta quarta-feira (30). Nesta terça-feira (29) foi o primeiro dia de conversas entre os oito senadores representantes do Brasil com senadores estadunidenses tanto democratas quanto republicanos.

Em entrevista à imprensa, o presidente da comissão externa nos EUA, Nelsinho Trad (PSD-MS), e o senador Carlos Viana (Podemos-MG) destacaram que os diálogos, até a atual conjuntura, têm sido positivos e de amplo debate.

Em um vídeo divulgado à imprensa, Nelsinho Trad, que também é presidente da Comissão de Relações Exteriores do Senado, mostrou uma carta que foi entregue pessoalmente a todos os congressistas dos Estados Unidos que receberam os brasileiros no Capitólio.

Na carta, usando como exemplo o senador Martin Heinrich (Democrata), os brasileiros convidam os congressistas norte-americanos a uma visita oficial ao Brasil para mais negociações.

"Juntos podemos aproveitar oportunidades concretas – ambas imediatas e a longo prazo – para reforçar nossa parceria estratégica e entregar resultados tangíveis para as pessoas que representam o Brasil e os Estados Unidos. Ficaríamos honrados de recebê-lo em uma visita oficial ao Brasil o mais rápido que for possível. Seria um privilégio retribuir sua agradável hospitalidade e continuar construindo um diálogo que beneficiará ambos os nossos países", afirma a carta.

Trad destacou que a medida visa apresentar a cada parlamentar "a implicação" do tarifaço de Trump no respectivo "estado que ele representa". "Dessa forma, com esse conteúdo, a gente entende que racionalmente ele poderá ser convencido que essa é uma medida de 'perde-perde'", ele destacou.

Zerar tarifas

Nesta terça-feira, o secretário de Comércio dos Estados Unidos, Howard Lutnick, disse que os EUA estudam isentar as tarifas para produtos que não são cultivados no país – ele citou como exemplo café, cacau, manga e abacaxi. Porém, o secretário não citou nomes de países que poderiam ser beneficiados com as medidas, tampouco o Brasil. Caso de fato seja implementada, a mudança pode amenizar os impactos nos principais setores comerciais afetados.

Em conversa com a imprensa, o senador Espiridião Amin (PP-SC), que também compõe a comissão do Senado nos EUA, disse que todos os outros países que foram taxados pelos Estados Unidos tiveram um prazo maior para se organizarem sobre as novas tarifas, ao contrário do Brasil que foi notificado em 9 de julho das tarifas de 50% que serão implementas a partir de 1º de agosto, menos de um mês para o setor comercial se organizar com as mudanças. Com isso, a possível isenção de determinados produtos pode ser um primeiro alívio.

Eduardo

Enquanto os senadores brasileiros articulam alternativas para amenizar o impacto orçamentário e comercial das tarifas impostas por Donald Trump, o deputado federal Eduardo Bolsonaro (PL-SP), que está nos Estados Unidos, manifestou que, em contrapartida, tudo fará para que a comitiva não tenha sucesso. Ele disse que a missão "está fadada ao insucesso".

Em entrevista ao SBT News, Eduardo Bolsonaro disse que o a resolução do tarifaço não pode ser apenas econômica.

"O problema é uma crise institucional, é um problema dentro do Judiciário, é um problema político e não meramente econômico. Se o Brasil der um primeiro passo para mostrar que está disposto a resolver essa situação, o Trump abre uma mesa de negociação", ele reiterou.

Para Eduardo, o tarifaço seria como um "tratamento de câncer" no qual o paciente quisesse parar porque estão caindo seus cabelos. "Sem a quimioterapia, retornaremos à rota da Venezuela", comparou.